

## Da *rave* ao neo-ritual multimédia

Simão, Emília  
FLUP – UP  
emisimao@gmail.com

Magalhães, Sérgio  
FACIS – UCP  
stmagalhaes@braga.ucp.pt

Silva, Armando  
FLUP – UP  
armando.malheiro@gmail.com

### Resumo

Esta comunicação insere-se no âmbito de uma investigação enquadrada tendo por base a comunicação multimédia e as ciências da informação e da comunicação, contextualizada no fenómeno das aglomerações neo-tribais associadas à cultura da música eletrónica.

O aparecimento de movimentos culturais alternativos dos finais do séc.XX, alguns dos quais associados à cultura *rave* originaram a emergência de vários géneros musicais alternativos, como é o caso do *Psy Trance* (Transe Psicadélico). O fenómeno do Transe Psicadélico traz consigo eventos de contornos neo-rituais simultaneamente arcaicos e futuristas, em que as novas tecnologias multimédia assumem um papel fundamental enquanto criadoras e mediadoras de realidades paralelas. Através de uma pesquisa essencialmente qualitativa baseada em revisão de literatura, entrevistas a painel de peritos do universo da cultura Transe, e observação participante em vários eventos de referência, foram tiradas algumas conclusões que conferem às novas tecnologias e à comunicação multimédia um papel estratégico.

Apesar da música eletrónica ser o elemento central desse universo, o próprio contexto onde esta se consome foi sendo aliado a novos conceitos estéticos através da comunicação multimédia. Estes elementos exclusivamente concebidos e mediados por computador funcionam assim como um todo concebido para despertar experiências e sensações, ao reforçar a intenção dos sujeitos nesse sentido. A comunicação multimédia, enquanto promotora de experiências multi-sensoriais, pode potenciar experiências psicadélicas transversalmente pela experiência multimédia, associadas à assimilação das sonoridades específicas deste estilo musical, em simultâneo com imagens projetadas em consonância com as variações rítmicas da música.

Alguns DJ's (*Disc Jockeys*) e VJ's (*Video Jockeys*) assumem-se metaforicamente como xamãs pós-modernos, ao proporcionarem a indução de estados de consciência alternativos (de transe) aos participantes

no neo-ritual. Através da multimédia, eles comunicam com o público no limiar da manipulação. Considerando o xamanismo uma técnica arcaica do êxtase, explora-se neste trabalho a viabilidade de considerar o papel da multimédia como uma técnica pós-moderna do êxtase neste tipo de cenários, criados especialmente para remeter para mundos imaginários e realidades alternativas.

**Palavras-chave:** *Transe psicadélico, Neo-rituais, Comunicação multimédia, Música eletrónica*

### Introdução

A música eletrónica está fortemente intrincada na cultura musical do mundo pós-moderno, e se por um lado pode ser encarada como um produto desta nova ordem de coisas, pelo outro, pode também ser uma impulsionadora para que tal aconteça. Esta relação é passível de ser analisada à luz de vários contextos, que embora distintos, se complementam dada a natureza deste objeto de estudo. A sociedade da informação, sociedade em rede ou sociedade tecnológica são três conceitos que se completam e que sustentam praticamente todos caminhos evolutivos dessas “coisas” que compõem o mundo atual. As novas tecnologias e novas formas de comunicação assumem-se como as técnicas através das quais essas evoluções são orquestradas.

### 1.0 novo paradigma tecnológico

As últimas três décadas do Séc. XX marcaram a emergência de um novo paradigma tecnológico, essencialmente organizado em volta da revolução das novas tecnologias da informação e da comunicação, e sua penetração na vida humana em todas as suas esferas, efetivando um novo marco à escala global (Castells, 2007). As tecnologias agem diretamente sobre a informação enquanto matéria-prima deste novo paradigma, moldando a consciência coletiva baseada em conjuntos de relações numa complexidade de redes que o caracteriza. As tecnologias podem não definir ou determinar uma sociedade de forma linear, mas integram-na tão veemente que quase deixa de ser viável compreender a sociedade e as suas respetivas esferas que a compõem sem elas.

As novas tecnologias da informação e da comunicação que sustentam a sociedade em rede deixaram de ser são meros instrumentos técnicos, transformando-se em elementos constituintes das formas de ver e organizar o mundo e passando a entender-se como processos complexos, em que os criadores e utilizadores trocam e

assimilam papéis, numa espiral crescente de informação e conhecimento. Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo (Castells, 2007). O ecossistema mediático encontra-se em permanente mudança devido ao complexo processo de convergência que atualmente decorre, caracterizado pela existência de conteúdos multimédia e de multiplataformas, colaboração intermediática, e comportamento dos públicos na procura dos conteúdos que mais lhe interessam (Jenkins, 2006): *Originalmente, o homem é um ser de mediação técnica, para interagir com o mundo da vida constrói ambientes artificiais e move-se dentro deles. Surpreendentemente, o homem cria e é também criado pelo que cria. Assim que as técnicas são exteriorizadas, passam a dar forma à sociedade onde emergem. É a partir das mediações técnicas que a cultura se compreende* (Domingues, 1998). É neste sentido que as diferentes formas de expressão se expressam cada vez mais numa linguagem digital universal (Castells, 2007) que integra globalmente a produção e a distribuição de cultura através dos mais variados formatos, e com a convergência da multimédia, reúne várias linguagens num único suporte.

Comungamos com a tecnologia, completamo-nos com as suas extensões na maioria das nossas vertentes existenciais, não só a um nível técnico de comodidade física, como também a um nível pessoal e emocional (Simão & Magalhães, 2010), em que vivenciamos a transformação da nossa *cultura material* pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico (Castells, 2007). As novas tecnologias da informação e da comunicação permitiram a emergência de novas esferas info-comunicacionais, em paralelo com novos territórios, culturas e identidades que têm povoado este novo paradigma tecnológico em que nos situamos. As perspetivas interdisciplinares que as ciências da informação e da comunicação nos permitem, revelam desta forma uma mais-valia no estudo destas temáticas, que dada a sua natureza também interdisciplinar, carecem de abordagens nesse sentido.

## 2.0 culto da música eletrónica e a cultura rave

A globalização e os seus efeitos massificadores de cultura acabaram paradoxalmente por incentivar ao aparecimento de subculturas, umas mais estruturadas do que outras, manifestadas pelas mais variadas formas de comunicação e expressão. Por conseguinte, alguns movimentos musicais destacaram-se por proporcionarem novas agregações, que evoluíram para formatos com identidades simbólicas próprias e filosofias de vida convergentes. É nesse sentido que se associa a designação de neo-tribalismo (Maffesoli, 2000) ao culto de novas correntes musicais da cena eletrónica.

Em meados do séc. XX, os compositores com recurso às tecnologias disponíveis em estúdio instituíram a designação de *música eletrónica*, resultante da mistura e reciclagem de amostras de sons previamente gravados, aos quais se adicionavam fragmentos musicais de outros estilos e derivações. A matéria-prima da música eletrónica não tem composição inicial nem final, integra uma gigantesca base de sons mutantes e em constante aperfeiçoamento, numa existência quase auto sustentável disponibilizada na Web. Os estilos *House* e o *Techno* foram os principais grandes movimentos musicais do séc. XX, tendo conduzido o panorama musical eletrónico mundial a novos padrões. As *raves* urbanas, inicialmente encaradas como perturbações diretas da ordem social (Grynszpan, 1999) surgem também como uma nova forma de entretenimento, aliadas a novas estéticas musicais, que deram início à ritualização da música eletrónica.

A cultura é por norma considerada enquanto padrão de desenvolvimento refletido num determinado sistema social, mas que também pode ser entendida como um sistema simbólico, pela arte, pelo mito e pela linguagem, enquanto formas de expressão e de comunicação entre pessoas e grupos. A música eletrónica também acaba por ser um reflexo cultural, da mesma forma que dita formatos culturais específicos, consoante as suas próprias especificidades. A designação de música eletrónica nestes moldes pode revelar-se vaga e importa situar a linhagem na qual nos pretendemos incluir, que é na *EDMC – Electronic Dance Music Culture* (St John, 2012), contudo de cariz alternativo e alheia à realidade *mainstream* ou comercial. O universo desta música eletrónica alternativa acaba mesmo assim por ser um espaço muito amplo, com múltiplas manifestações de géneros: *House, Minimal, Drum n' bass, Dubstep, Ambient, Jungle, Electronic Garage, Industrial, Breakbeat, Electro, Trip Hop, Downtempo, PsyTrance*, entre outros, ainda variando através de outros subgéneros e fusões que se vão desdobrando a partir destes.

Num cenário em que a ecologia da música foi reformulada, a digitalização permitiu uma dinâmica de criação e de audição coletiva sem precedentes, em que a música eletrónica veio inventar novas formas originais de tecer os laços culturais (Lévy, 1999). Este é também um exemplo do carácter fractal da cibercultura, em que cada artista vai contribuindo com cada uma das suas obras, para as obras do artista seguinte, tendo por base uma mega estrutura de amostras sonoras, no que diz respeito à música, que se inventam e reinventam constantemente, dando origem a produtos diferentes (Simão & Magalhães, 2010).

O culto da música eletrónica é uma realidade na qual o artista cria uma relação solitária com as suas tecnologias digitais, e onde a música, como expressão de um ideal

artístico e estético é criada, manipulada e veiculada pela máquina. A *rave* caracteriza-se assim por um ambiente maquínico e de convergência multimédia, a partir deste novo estado hipertecnológico, e como forma de expressão artística e estética, a música entrou numa relação com as novas tecnologias multimédia que acabam por a definir e a sustentar. Os sons eletrónicos são catalisadores dessas relações técnicas, artísticas e emocionais, em que as máquinas recriam dados mentais, transformando-os em melodias que vão permitir moldar estados de espírito (Simão & Magalhães, 2010). O indivíduo apodera-se das tecnologias e estas apoderam-se dele, e os sons eletrónicos são catalisadores dessas relações técnicas, artísticas e emocionais. As tecnologias multimédia, neste contexto, recriam os dados mentais, manipulam, transmitem, elevam a informação a outro estatuto que vai para além do dado propriamente dito. A música eletrónica é hoje o fruto da relação de uma cumplicidade e criação tecno-artística, despertada pela interação entre a tecnologia, o objeto artístico e o homem. O homem também através da arte tem criado novas proximidades com as ferramentas digitais, e sua relação com as máquinas, para além de tecnológica e física, passa também a afetiva, sendo deste conjunto de relações que frui o objeto artístico.

A relação de dependência tecnológica que o homem tem vivenciado, levou a um afastamento relacional com a natureza tão desmedido, que a regressão e a procura do elo perdido talvez fossem a única solução para reencontrar a sua identidade. As *raves*, com uma estética maquinista e industrial, potenciada pelo estilo musical do *Techno*, foram as primeiras manifestações urbanas enquanto agregações festivas, quase sempre em cenários *underground* e sem legalidade. Este formato agregador em torno de um estilo musical foi-se disseminando pelos vários estilos da música eletrónica de dança sem alterações de grande relevância, e em paralelo, iam aparecendo outro tipo de festas, as festas Transe.

O compositor pós moderno aceita todas as formas de linguagem, desde que transmita as suas intenções musicais, daí as referências a estilos e épocas diferentes, fazendo com que não constitua um estilo mas sim, um estado de coisas (Guinsburg & Barbosa, 2005). A cultura *rave*, de onde alguns emergiu o movimento Transe é uma entidade subcultural que resiste à cultura tradicional através da produção de informação, comunicada em diferentes modos e intensidades (Wilson & Atkinson, 2005). Estes autores defendem que a cena *rave* evoluiu em paralelo com a emergência da comunicação pela Internet, que também veio promover um novo paradigma, permitindo mais coesão, no sentido em que conexões virtuais e globais podem melhorar relações locais, e permitindo redes de apoio culturais e globais. Parece evidente que os nativos do Transe, bem como as

manifestações associadas cresceram e multiplicaram-se em paralelo com a sua disseminação pelas plataformas digitais, e nesse sentido começa também a fazer sentido a análise das culturas on-line e off-line na medida em que pressupõem sujeitos migrantes de umas para outras, bem como dos cenários, mundos e redes interdependentes, percebendo-se a permeabilidade e fluidez das subculturas numa cada vez mais, ciber-era (Wilson & Atkinson, 2005). Considerando que na realidade possa estar a surgir uma extensão artificial desta neo-tribo, também estão a possibilitar a (re)criação de mundos imaginários em contexto on-line, complementando-a para além das fronteiras do espaço físico. A web pode estar a instituir-se como um novo lugar simbólico-expressivo e dinâmico em que os seres comunicantes reforçam a sua própria identidade e da sua tribo, movendo-se entre dois espaços info-comunicacionais diferentes.

### 3.0 Transe Psicadélico e os neo-rituais

O particular estilo musical Transe Psicadélico (*Psychedelic Trance*) é um dos géneros alternativos emergentes da eletrónica que mais se estende a celebrações rituais que vão mais além da simples *rave*, envolvendo-se antes num ambiente de manifestações neo-rituais que despertam mundos imaginários e estados alterados de consciência, com um novo poder de encantamento, sustentado pela música eletrónica e tecnologias multimédia. Este *encantamento eletrônico* proporcionado por estas *técnicas modernas do êxtase* iniciou-se em eventos rituais onde a música e a dança imperam numa atmosfera simultaneamente natural e artificial, de espiritualidade e novas tecnologias (Simão & Magalhães, 2010). O alfabeto veio dar um estatuto especial à significação, e desmistificou de certa forma a magia do mundo tribal (Davis, 2002), é por este motivo que alguns estilos de música eletrónica são essencialmente instrumentais, o que implica uma descodificação da informação e reprocessamento sensorial muito subjetivos, permitindo a recriação do imaginário interior livre e desprovido de informação induzida pelas palavras. As especificidades melódicas e rítmicas deste género musical são propícias à envolvimento e ao inebriamento, que em maior ou menor grau de alienação podem abrir canais para estados alterados de consciência (Simão & Magalhães, 2010), potenciados pelo poder da multimédia.

Alguns artistas incorporam as suas prestações enquanto elementos-guia de rituais cerimoniais, numa coexistência de batidas eletrónicas, música e espiritualidade. O DJ Goa Gil sustenta que a humanidade está a utilizar a música e a dança para celebrar a (re)comunhão com a natureza e com o universo, através do Transe, a que chama a *Redefinição do Antigo Ritual Tribal de Dança para o Século XXI* (McAteer, 2002). A essência dos primitivos

rituais de dança e a produção de estados alterados de consciência, projeta-se similarmente nas festas de música eletrónica da sociedade tecnológica, e a história das *raves* poderia ter começado há milhares de anos atrás, quando os primeiros homens viviam nas cavernas e respiravam o fumo das fogueiras (Ferreira, 2007).

Algumas investigações recentes têm explorado a religiosidade e a espiritualidade dentro destas formações subculturais e a sua dimensão ritual, na qual se associam os conceitos de música, dança, re-identificação, cura espiritual, reconfiguração espacial e transcendência, levantando-se a questão da *techno culture spirituality*, em que se debate a relação entre o homem e as tecnologias, a construção de identidades e a alteridade (St John, 2006). O movimento Transe é sustentado atualmente por uma tribo global de tecno-nómadas, uma cultura *new age* sustentada pelas novas tecnologias (St John, 2006) que sintetiza sonoridades e práticas tribais e futuristas em simultâneo.

A referida *techno culture spirituality* disseminadora das relações de troca entre o homem e as tecnologias, criadora de identidades e por conseguinte, de novas esferas culturais parece ter assistido nestes últimos anos a algumas reconfigurações que se devem à sua projeção na web. A rede tornou-se entretanto um território de multiplicação de referências ao universo do Transe, como relativamente a todas as outras tendências e realidades em que existisse informação a divulgar, tendo aparecido sites, fóruns, rádios *on-line*, grupos de discussão e alguma propagação pelas redes sociais. Este movimento comporta uma experiência espiritual coletiva assumida pelos intervenientes, numa co-evolução simultaneamente espiritual e tecnológica e é provável que os websites, as plataformas de partilha, as redes sociais e os fóruns tenham tido um papel fulcral na evolução da música e de todo o universo *Psytrance* (John, 2009), apesar de no entanto se continuar a manter um movimento alternativo e isolado das chancelas comerciais e mediáticas.

Segundo o antropólogo Graham St. John, a cultura da música electrónica de dança tem dimensões culturais que separa em quatro grupos: A religião cultural da música de dança eletrónica expressa pelo ritual festivo; a subjetividade, corporeidade e experiência de dança fenomenológica (êxtase e transe); a comunidade de dança e o sentimento de pertença (a *vibe* e as tribos); a cultura da música eletrónica de dança como uma nova "espiritualidade de vida" (St John, 2006). A música destacou-se como um dos elementos aglutinadores, mas estes neo-rituais podem ser também uma oportunidade de difusão de valores que reinam os estilos de vida de certas tribos. São considerados acima de tudo um espaço de diversão numa perspetiva festiva, mas são também veículos para outras latitudes, de traços *new*

*age*, espirituais, metafísicos, e de expansão de consciência (Carvalho, 2007).

#### 4. Imaginário e multimédia

Através do processo de investigação realizado no terreno assente nas premissas metodológicas do trabalho de campo, complementado com entrevistas estruturadas e realizadas a um painel de peritos, nomeadamente DJ's, Vj's, promotores de festas Transe e nativos privilegiados, consolidaram-se alguns aspetos importantes associados a esta temática, nomeadamente no que diz respeito à intervenção das tecnologias multimédia em todo o processo.

A sociedade pós-moderna mantém em alguns casos uma relação quase idolátrica com as imagens, graças às diferentes formas de produção e reprodução da comunicação das imagens, sendo o desejo da fantasia e do sonho que dão consistência à sua *alma malhada* (Durand, 2001). Esta visão encaixa na ambição de exploração do imaginário da cultura Transe, simultaneamente *high-tech*, futurista e arcaica (Simão & Magalhães, 2010). Gilles Deleuze recusa atribuir irrealidade ao imaginário, mas vê-o como um conjunto de trocas entre uma imagem real e uma imagem virtual ou irreal (Deleuze, 1992), e nas festas Transe o limite entre estas duas realidades acaba por ser extremamente subjetivo, já que depende do estado de consciência em que o sujeito se encontra, alterado ou não. Esta alteração pode relacionar-se especificamente com o consumo de substâncias psicoativas naturais ou químicas, mas que pode também atribuir-se exclusivamente a toda a envolvência musical, estético e cénico (Carvalho, 2007) presente numa verdadeira festa Transe, em que a decoração, na sua maioria auxiliada por uma possante componente multimédia são um dos elementos fulcrais na construção de realidades paralelas de remissão a estados alterados de consciência. Enraizado no indivíduo enquanto singularidade complexa, o imaginário é um mundo de representações que não se desenvolve através de simples ideias livres, mas que funcionam seguindo uma determinada lógica (Durand, 2001), daí a envolvente multimédia seguir uma orientação dinâmica ditada pelo DJ (*Disc Jockey*) e pelo VJ (*Video Jockey*). Ambos podem ser considerados como mediadores para o imaginário, mas também existe a possibilidade de direcionar diretamente esse papel de mediação para a máquina, para o dispositivo tecnológico. Nos neo-rituais do Transe, é costume esses dois elementos agirem de forma sincronizada, uma vez que os elementos visuais e sonoros se complementam como um todo.

#### 5. A multimédia como técnica moderna do êxtase

Acreditando que exista uma relação entre o elemento guia de um ritual pós moderno e de um ritual ancestral,

que há semelhanças nas suas intenções e que ambos podem proporcionar estados extáticos, podemos considerar nestes contextos, que as tecnologias multimédia, permitem ao xamã *cibernético* emitir *mantras tecnológicos*, vibrações e estados de espírito à sua ciber-tribo (Ferreira, 2007). Enquanto os antigos xamãs utilizavam cânticos, tambores, fogo e jogos de sombras, os técnicos de hoje utilizam as novas tecnologias para materializar o imaginário. Os mantras vocais repetitivos dos xamãs induzem estado de transe que podem assim ser substituídos pelos mantras digitais e emitidos artificialmente, o que pode significar que, a tecnologia como mediadora, como veículo, poderá assumir-se como elemento guia ela própria ter uma faceta xamânica, na medida em que permite a criação de mundos imaginários e estados de consciência alternativos (Simão & Magalhães, 2000).

A técnica xamânica por excelência consiste na passagem de uma região cósmica para outra em que o xamã conhece o mistério da rutura de níveis e a assegura a comunicação entre diferentes zonas cósmicas (Eliade, 2002). Apesar da validade destas visões poder ser questionável enquanto ciência, segundo o atrás citado autor, esse tipo de comunicação é possível devido à estrutura do universo, e o simbolismo pelo qual é representada a comunicação entre aquelas zonas cósmicas é bastante complexo, e alterado ao longo do tempo. Mas, transpondo para o nosso contexto, para além da mediação entre o mundo consciente e o inconsciente do sujeito, a comunicação multimédia e ainda as plataformas digitais acabam também por ser mediadoras entre dois mundos, o real e o digital. Considerando as novas tecnologias da informação e da comunicação como condutores do mundo pós moderno, e as festas Transe como manifestações neo-rituais deste pómodernismo, é através da comunicação multimédia que se permitem experiências multissensoriais, vivências do imaginário e experiências psicadélicas através da experiência multimédia (Simão & Magalhães, 2010).

Mircea Eliade definiu o xamanismo como *técnica arcaica do êxtase* (Eliade, 2002), paralelamente parece ter-se tornado viável encarar a música eletrónica e todo o seu universo multimédia como *técnicas modernas do êxtase*. Será a multimédia o veículo de um neo-xamanismo? Os mundos virtuais que imaginamos e o mundo real ao qual não podemos escapar situam-nos entre a máquina e o sonho, numa polaridade designada de *tecnomisticismo* (Davis, 2002). Nestes neo-rituais, o DJ cria e comunica informação sonora, com a qual se permite de manipular os ouvintes, na medida da intensidade da dança e do grau de alienação diretamente associado, e o mesmo acontece com o VJ e com os efeitos óticos das suas projeções visuais ao estimular a atividade do imaginário. Como técnica do mundo maquinal que cria simulações, a multimédia é um

elemento gerador e responsável da criação de algo novo, através da amplificação dos canais de ligação entre duas realidades diferentes: Apesar de não ser “o” caminho para o êxtase, transcendência ou rutura com a condição profana, as tecnologias multimédia proporcionam um dualismo assimétrico entre oposições como espiritual e material, incorpóreo e corpóreo, e entre interior e exterior (Ferreira, 2007).

### Conclusão

As manifestações tribais quase sempre foram acompanhadas de cerimónias e rituais, praticadas aspirando a serem estabelecidos vínculos sagrados com a natureza, espíritos e Deuses, acompanhadas e potenciadas por melodias e percussões repetitivas, movimentos extáticos e outras evocações litúrgicas, provocando estados alterados de consciência como elos de ligação com o transcendente. Nas festas Transe experienciam-se rituais de dança, união e ligação ao transcendente seguindo uma lógica de neotribal abençoado pelas maravilhas da sociedade tecnológica, em que a música eletrónica em simultâneo com as tecnologias multimédia assumem o papel de maior relevo (Simão & Magalhães, 2010). Alguns DJ's assumem sentir-se na qualidade de xamãs sempre que tocam e guiam o público através das suas viagens individuais e coletivas, e sendo as festas Transe neo-rituais com traços evolutivos dos rituais ancestrais, pode ser lógico considerar que os veículos também se tenham readaptado, e o tambor tenha sido substituído pelo computador, o fogo pelas projeções multimédia, e os psicoativos naturais pelos sintéticos. A própria música e a forma de a fazer foram alteradas através dos novos meios tecnológicos (Lopes, 1990), que por sua vez também vieram alterar o contexto em que a música se *consume*, aliando-se a novos conceitos através da multimédia, que permite uma expansão dos sentidos enquanto condição primordial da consciência humana (Simão & Magalhães, 2010).

A possibilidade da existência de um tecno-xamanismo nas festas Transe é grande, mas no entanto, a pré-disposição para tal pelas partes intervenientes é fundamental, porque em boa verdade, nem todos os DJ's e VJ's aspiram a ter funções xamânicas, e nem todos os elementos do público interiorizam que possam estar a vivenciar algo parecido. As tecnologias multimédia que as sustentam poderão não ser xamânicas *per si*, mas podem propiciar experiências abrindo caminhos nesse sentido, assumindo-se como técnicas modernas do êxtase.

**Bibliografia**

- Carvalho, M. (2007). *Culturas Juvenis e novos usos de drogas em meio festivo, O trance psicadélico como analisador*. Ed. Campo das Letras: Porto.
- Castells, M. (2007). *A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Ed. Paz e Terra: São Paulo
- Davis, E. (2004). *TechGnosis: myth, magic + mysticism in the age of information*: Serpent's Tail. ISBN 9781852427726
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Ed. 34: Rio de Janeiro
- Durand, G. (2001). *As estruturas antropológicas do imaginário*. Ed. Presença: Lisboa.
- Eliade, M. (2002). *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*, Livraria Martins Fontes, Ed. Lda., 2ª ed.. São Paulo.
- Ferreira, P. (2007). Um duplo devir: quando a música eletrônica de pista encontra o xamanismo e o xamanismo encontra as máquinas. Disponível em [http://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/01/ferreira2007\\_duplodevir.pdf](http://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/01/ferreira2007_duplodevir.pdf) Acedido a 21 de Janeiro de 2011
- Guinsburg, J. & Barbosa, A. (2005). *O Pós-Modernismo*. Ed. Perspectiva: São Paulo.
- Jenkins, H. (2006), *Cultura da Convergência*. Ed. Aleph: São Paulo.
- Lévy, P. (1999), *Cibercultura*. Ed. 34: São Paulo.
- Lopes, J. (1990). *As escritas da abertura na música contemporânea*, "Revista de Comunicação e Linguagens", CECL, N° 10/11. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-jose-julio-escritas.pdf> Acedido a 03-01-2010.
- Maffesoli, M. (2006). *O Tempo das tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Forense
- McAtter, M. (2002) . *Redefining the Ancient Tribal Ritual for the 21st Century*. Disponível em <http://www.goagil.com/writings.htm> Acedido a 21 de Fevereiro de 2012
- Simão, E. & Magalhães, S. (2010), *A comunicação multimédia no neo-ritualismo das Festas Transe*. Disponível em <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9315> Acedido a 01 de Agosto de 2013
- St John, G. (2006). *Electronic Dance Music Culture and Religion: An Overview1*. Culture and Religion, 7(1), 1-25. doi: 10.1080/01438300600625259
- Wilson, B., & Atkinson, M. (2005). *Rave and Straightedge, the Virtual and the Real*. Youth & Society, 36(3), 276-311. doi: 10.1177/0044118x03260498